

Cliente: Clinica Helena Costa – Dra. Helena Costa	
Veículo: Diario de Pernambuco	Data: 16/03/2015
Colunas/Editoria: Ciência e Saúde	Pag(s):



Cicatriz »

Pesquisa desenvolve nova terapia contra o quelóide

Bruna Sensêve - Diários Associados

Publicação: 13/03/2015 09:07 Atualização:

A cicatrização normal gera uma marca quase imperceptível no local em que ocorreu a lesão ou a sutura cirúrgica. Essa é a regra. Entre a mais famosa das exceções, está o quelóide, problema menos comum e mais complicado do que o imaginado. Muitas pessoas confundem uma cicatriz um pouco mais alta ou larga com um quelóide, mas não conseguem perceber a amplitude do problema quando realmente diagnosticado. Ele tem o aspecto endurecido devido à hiper cicatrização, que gera o acúmulo de fibras e colágeno esteticamente desfavorável e, muitas vezes, incômodo. Além disso, não há garantia de solução com os tratamentos disponíveis.

Radioterapia, injeções de corticoide, betaterapia (uso de raios beta), laser e cremes siliconados revezam-se entre as melhores opções. Porém, talvez venha das mãos de cientistas do Hospital Henry Ford, em Detroit, nos Estados Unidos, a melhor solução: eles propõem uma terapia genética para o tratamento definitivo do problema. Os pesquisadores identificaram que o gene AHNAK pode oferecer uma melhor compreensão sobre como os quelóides se desenvolvem.

Ele explica que o quelóide é uma forma anormal de cicatrização com uma predisposição genética. Costuma ser mais comum na raça negra, mas pode acometer todas as pessoas. “Desde criança, com facilidade, se percebe (o problema) até mesmo em uma picada de inseto, um machucado. É importante saber se a pessoa tem essa predisposição.” Drummond ressalta que, identificada a tendência, se no futuro a pessoa precisar fazer uma cirurgia maior, ela poderá tomar algumas providências para evitar o problema.

Machucado selado

Contribuem efetivamente para o processo de cicatrização de ferimentos. São ativados por mediadores químicos de cicatrização, se deslocam até a região ferida da pele e ficam hipertrofiados (excessivamente desenvolvidos). Assim, produzem enorme quantidade de fibras e substância amorfa. Em pouco tempo, a lesão é envolta por uma rede de fibroblastos e pequenos vasos sanguíneos. Os fibroblastos grandes passam, então, a se contrair facilmente, o que sela a lesão.

Risco de confusão

Mesmo sendo um problema de certa forma comum, o quelóide é objeto de confusão entre os pacientes e até mesmo os médicos. Em muitos casos, a marca em destaque não se trata do problema, mas de uma cicatriz hipertrófica. “Nela, a pessoa se machuca e fica uma cicatriz feia. Ela, porém, é molinha, possível de mexer. Não tem esse aspecto de madeira que tem o quelóide”, diferencia o dermatologista Murilo Drummond.

A cirurgia é uma opção viável para a cicatriz hipertrófica quando outros tratamentos tópicos não surtem efeito. Segundo a cirurgiã membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica Andrea Yuan, o resultado, nesse caso, é muito melhor. A cirurgia plástica para o quelóide é o último recurso. “Ainda assim, é comum chegar a esse ponto, especialmente se for grande. O quelóide aparece muito no ombro, na região torácica e na face. Então, tende a ficar muito visível e incomodar.”

Segundo Yuan, há casos que não são resolvidos nem com cirurgia. “Às vezes, a cicatriz que deixamos para retirar o quelóide pode ficar maior que a anterior e ainda pode voltar a aparecer o problema nessa segunda cicatriz”, explica. A cirurgiã conta que, para evitar esse problema, se recomenda preparar a prevenção antes mesmo da cirurgia. “Acabou o procedimento já pode começar a radioterapia e as injeções de corticoide na cicatriz”, diz.

Terapias diversas

“A grande questão está em identificar se é uma cicatriz queloidiana ou hipertrófica. A última não tem o fator genético. Na primeira, há um aumento da produção de fibras durante a cicatrização, que ultrapassa o limite da ferida. Existem formas de prevenir ou mesmo, se já existe o quelóide, regredir a situação. Pode ser colocada, fita de silicone ou de corticoide, que inibem o processo inflamatório. Uma vez que foi formado, há a indicação de cirurgia ou de injeção de corticoide. Também temos a opção de radioterapia.”

Helena Costa, membro da Sociedade Brasileira de Laser em Medicina e Cirurgia

http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2015/03/13/internas_cienciaesaude.565964/pesquisa-desenvolve-nova-terapia-contra-o-queloides.shtml